

SABERES E PRÁTICAS DE UMA DOUTORA RAIZ: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA SOBRE PROCESSOS TERAPÊUTICOS

Autora: Cristina Diógenes Souza Bezerra
Orientador: Carlos Guilherme O. Do Valle

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Cristina Diógenes Souza Bezerra

Introdução

Tratar sobre práticas de cuidado em saúde é abordar sobre os processos intersubjetivos que implicam também em saberes, cosmologias e biotecnologias. Este trabalho utiliza a abordagem antropológica para pensar o imbricamento desses aspectos tão inerentes aos processos saúde-doença. Partindo de uma pesquisa etnográfica com uma interlocutora chamada Francisca, também conhecida como *mulher das ervas* ou Doutora Raiz, pelo conhecimento sobre as plantas medicinais da região, pela capacidade de manipulá-las com maestria, facilitando assim os *processos de cura* de pessoas da comunidade. Ao mesmo tempo em que torna evidente a importância do *acreditar* e da *fé* nos processos de cura, assim como do conhecimento sobre as *ervas da terra*.

De tal forma que essa pesquisa se volta para a percepção desse sistema local de saber (SHIVA, 2003) que em fusão ao sistema biomédico proporciona uma eficácia terapêutica (TAVARES, BASSI, 2012), nos atendo então a compreender a partir dos relatos de vida (ALBERTI, 2004) como tais práticas interagem, quais terapêuticas são preteridas nas experiências da doença ocorridas, e em especial, no caso da sua trajetória de vida como quais saberes e práticas de cuidado emergem a partir da vivência com uma doença crônica e degenerativa como a Artrite Reumatóide.

Metodologia

Nas narrativas emerge a lembrança de determinados detalhes remete a Michael Pollak (1989) quando aborda a política da memória enfatizando o enquadramento da memória como um recorte, feito por repetições, afirmações, gestos, tornando visível um viés, caminho, agência na política da vida em contextos específicos. As narrativas mostram uma moralidade do cuidado, uma atenção minuciosa aos detalhes das variações de cada planta, uma busca pelo conhecimento de maneira empírica e bibliográfica. Tudo isso se aproxima e caracteriza com o padrão cultural dos curandeiros, pessoas que se dedicam a experiências de cura, rituais terapêuticos, imersos em signos,

significados e moralidades. A percepção da construção realidade social é feita na pesquisa antropológica a partir de determinadas metodologias, recorreremos aqui aos relatos de vida, como explica, Verena Alberti:

“Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento (...) as biografias de indivíduos comuns concentram todas as características do grupo.” (Alberti, 2004. P. 22-23)

Assim por meio da pesquisa de campo com entrevistas semi-estruturadas buscou-se compreender a experiência de vida que constitui essa doutora raiz. Ao longo do trabalho são utilizados trechos das entrevistas que elucidam a realidade social que se trata aqui. Pos trata-se um estilo de vida, de uma moral, de processos de cura de uma especialista terapêutica que, assim como Muchona responde “pronta e longamente, com o brilho do entusiasmo verdadeiro” (TURNER, 2005, p. 180) tal como aconteceu no dia 18 de setembro de 2015:

C: A dúvida que eu tenho é tipo assim, o que a senhora conseguiu aprender com sua mãe. Que é que ela lhe passou, entendeu? Se ela fazia as coisas sozinha do jeito que a senhora faz?

F: Não, assim, isso aí já vem da minha avó. A minha mãe já trouxe isso pra gente, já passou por a gente, já criou nessa sabedoria. De plantas, de remédios, se você tava doente, corria ali no mato procurava uma planta. Que foi? Isso assim é bom pra isso, isso e isso. E ela corria atrás daqueles remédios, daquelas ervas. E a gente não tinha farmácia por perto, não tinha médico e a gente se cuidou dessas coisa de planta. Pra você ver, ela teve onze filhos, só teve um na maternidade, que ficou enlaçado não nasceu. Tudo era em casa, a parteira vinha, acompanhava, e a gente foi criando naquela coisa, e criando aquela vida de coisas natural. Então eu gravei!

C: Então, quando ela ia no mato a senhora ia com ela?

F: Então eu gravei as plantas, isso daqui é chá disso assim assim assim, que é bom pra isso e isso. Aí eu fui gravando as plantas, aí depois que a gente cresceu que foi se acostumando, a coisa era difícil na mesma coisa, que tudo de remédio, eu não tinha remédio, não tinha dinheiro pra comprar, apelava pro chá, pras plantas, hortelã, mastruz com leite, essas coisas, tamarina.

C: Matrutz com leite dá força é?

F: Não, mastruz com leite protege os brônquios, o pulmão e você tá com gripe muito forte, cansada, pegada, colada no intestino, com começo de pneumonia você vai fazer mastruz com leite, a criança toma ou o adulto, ele já vai largado. O remédio e tomar um banho logo cedo, nós fomos criado assim, no interior, tomar remédio pra gripe, vamos tomar banho logo cedo, todo mundo ia pro rio, tomava o remédio e tomava banho no rio logo cedo”. (F., entrevista, 18/09/2015, Parnamirim).

Relatos de vida como esse nos permitem inferir e refletir sobre o processo de aprendizado e a memória corporificada implicada nos processos de cura, assim como o *saber local* que emerge nesse conhecimento das *ervas da terra* em situações que se expressam muito mais enquanto estratégias de sobrevivência já que devido a uma situação social na qual há um acesso restrito ou

nulo as práticas médicas oficiais, há a necessidade do uso do conhecimento tradicional para a promoção da saúde individual, familiar e comunitária.

Resultados e Discussão

Após um ano de pesquisa de campo foi possível sintetizar que Francisca cresceu em meio à agricultura no interior do estado do Rio Grande do Norte, região conhecida como Baixa Verde, município de Bento Fernandes, migrou para Natal e trabalhou em fábricas e nos serviços domésticos. Ela, então, era uma pessoa do meio rural que seguiu para vida urbana, tornando-se uma trabalhadora formal, mas continuou pertencendo às camadas populares. Após diversas situações e eventos críticos (Veena Das, 1995) ela se mudou para o Pium. Depois de alguns anos, começou a vender os lambedores e fazer sabonetes artesanais. A partir da percepção dessa trajetória, busquei compreender suas motivações para as mudanças.

Das diversas vivências relatadas por Dona Francisca, a “doença nos ossos” é a que mais marca, por ser uma dor constante e sem cura. Há eventos-críticos na experiência dessa doença, ela sofreu uma queda em 1982 e afetou o quadril e o fêmur, passou por um acidente de carro em 1988 (ocorrido na Rota do Sol quando estava se mudando para o Pium) no qual houve uma torção no pé. Mais de dez anos depois ela fez uma cirurgia no pé, mas devido a doença não teve boa recuperação.

Ela narra que em 2010 estava com muitas dores e não podia trabalhar, na época trabalhava como doméstica e babá na casa de um tenente da base aérea, que pediu que ela se afastasse pois percebeu que não tinha mais condições de executar as tarefas. Nesse ano, ela conseguiu o auxílio-doença pelo INSS, mas no fim do ano ele foi acabou. Em 2011, sua irmã estava doente de câncer de mama e ela se dedicou a cuidar dela e a irmã ajudava a mantê-la durante esse período, mas, em 2013, ela faleceu e durante esse tempo ela procurava uma fonte de renda, então trabalhou cozinhando caranguejo para vender junto ao seu filho que vende frango assado. Todavia, ainda assim, ela não conseguia se manter economicamente. No fim de 2012, houve um curso de sabonetes que ela não pôde fazer por estar cuidando da irmã, mas uma amiga que fez o curso três meses depois, lhe entregou o livro com as instruções para produção, disse para ela comprar o material e passou uma tarde ensinando a preparar. Nos três meses seguintes, ela foi se preparando para iniciar a produção, comprando o material com o dinheiro que rendia da venda de caranguejos, em meados de 2013 ela começou a produzir os sabonetes artesanais, mudando apenas uma coisa da instrução que recebeu. No livro ensinava a fazer com essências, mas uma pessoa do Clube de Mães deu a dica

de fazer com a infusão de quinze dias das plantas medicinais no álcool. Então, nos últimos três anos ela vem produzindo os sabonetes para vender. E foi a partir da venda dos sabonetes que ela resolveu comercializar os lambedores, e passou a estudar para produção de garrafadas.

Cristina: O que foi que a senhora tomou?

Francisca: Quando eu comecei, ele me deu esse livro em 2011, quando eu comecei a ver como é que a coisa funcionava o que era capaz, o que causava aquele problema, aí eu comecei com os remédios. É sucupira, aroeira, pau ferro ele é rico em cura de coluna, inflamação na coluna. Tomei muito o coisa para bucite. Tomei muito aquela bicha grande, como é que chama? Coité, passei mais de ano tomando coité.

Cristina: Em garrafada ou em chá?

Francisca: Isso é, só toma quem tem coragem. Que é um remédio tão ruim, tão ruim que eu nunca encontrei um pior do que aquele. É cozinhado sem água, só o legume dentro dele verde, tira e bora pra cozinhar em fogo baixo e ele solta aquela água, tipo feijão preto, aquela gororoba que você coa e bota na geladeira pra ficar tomando todo dia, 5ml, duas vezes. Mas tinha que tapar o nariz e já tinha um negócio na mesa pra tomar por que não suportava o gosto. É ruim, mas eu tomei um ano e resolveu. (Entrevista com Dona Francisca, 23/12/2015).

Após o diagnóstico, ela não quis recorrer aos medicamentos alopáticos receitados e passou um ano tomando coité. Quando ela diz, “acordei pra vida e vi que remédio natural vale melhor do que remédio de médico” ela está se remetendo à descoberta dos efeitos colaterais da alopatia no organismo, tal como a cirrose medicamentosa que afeta o fígado, ou mesmo a gastrite que pode desenvolver no estômago devido ao contato da mucosa como o “remédio de médico”. Isso levou a que ela percebesse que aquilo que é visto como “natural” não agride tanto ao corpo, fazendo-a aguentar a ingestão de remédios algumas vezes desagradáveis ao gosto. No conhecimento comum, o amargo já é atrelado ao sabor do preparado medicinal, como um chá de boldo, muitos preparos bons para saúde são amargos, mas a peculiaridade dessa receita que ela tomou durante um ano é seu forte odor. Segundo seu próprio filho, “se botasse merda pra cozinhar fedia menos”. Com esse exemplo, entendemos como essa medicina popular se distancia da assepsia da medicina científica, que produz remédios sem odor em cápsulas. Revela também como se constitui a eficácia da crença na medicina popular: “É ruim, mas eu tomei um ano e resolveu!”

Dentre os motivos para fazer remédios e descobrir novas preparações está a saúde da família, as *estratégias de sobrevivência* marcadas pela sua agência enquanto “mãe”, emergem na necessidade da manutenção da casa e da saúde dos filhos. Uma das situações mais relevantes foi quase trinta anos atrás quando o filho de Dona Francisca, Rodrigo, com sete meses de idade teve pneumonia e passou mais de um mês internado em Goianinha e não se curava da doença. A médica que o atendia indicou que ele fosse levado para casa mesmo sem ter recebido alta, pois havia a chance de ele piorar no convívio com os outros pacientes. Na ocasião, uma senhora que estava no hospital acompanhando um parente, escutou a conversa e ensinou como ela curaria a criança. Dona

Francisca resolveu seguir a receita dessa mulher e conseguiu que a criança se curasse. Vemos assim como outras pessoas que têm o conhecimento colaboram na construção desse saber, e também como os fatores pessoais estimulam a prática:

“Francisca - E uma mulher de Goianinha me falou “Quer ver seu filho ficar bom? Faça um lambedor da tamarindo ou então de beterraba com cenoura, tudo que ele consuma seja com beterraba e cenoura” E eu comecei, eu cheguei aqui comecei a fazer esses remédios tudinho, dei três viagens ao hospital que era um final de ano. Os médicos tudo de recesso, nunca me encontrei com um médico que estava assumindo o médico dele. Era o especialista em pulmão. E eu disse “Deus será o maior, por que eu não vou mais não. Deus me mostre, me diga como eu vou curar esse menino” até de ir lá três vezes uma quentura poderia até piorar.” (entrevista com Dona Francisca, 08/08/2015)

Os médicos e pacientes têm diferentes premissas, logo suas perspectivas em relação ao tratamento também diferem muito (Helman, 1994). Assim, ao se deparar com a ineficiência da prática médica alopática e as dificuldades de ir ao hospital, Dona Francisca preferiu cuidar dele em casa e se responsabilizar pelo tratamento. Essa situação a fez recorrer e aprender modos tradicionais de cura pelo uso de plantas, passando a produzir o lambedor, inserindo alimentos específicos, e utilizando os banhos de rio que aprendeu na infância, precedidos pelo mastruz com leite, ela se apropriou de uma prática terapêutica cotidiano. Podemos perceber além da relação com o saber médico, e a relação com a religião como meio para alcançar um objetivo, a reação dela em tal evento crítico, que levou em consideração as orientações de uma desconhecida e lhe passou uma receita acessível que até hoje reproduz.

Conclusões

Durante esses 27 anos que se mudou para o local, ela foi conhecendo as plantas e as pessoas, aprendendo novas combinações e preparos, assim como foi recebendo desafios dos clientes, que aparecem com diferentes demandas para acabar com as enfermidades. Deixando claro que a possibilidade da sua eficácia e cura, vem junto com o “acreditar”. compreendemos como o respeito pela Dona Francisca, a confiança no seu trabalho e no seu conhecimento, dentre outros fatores que serão abordados, constituem a eficácia terapêutica dos seus produtos.

Francisca: As vezes num é nem o remédio é só a fé, as vezes você tá tomando um remédio e dizendo “Isso vale nada, não vou tomar isso mais não” num tem fé, sua fé não existe. Tem uma senhora aqui, a tia de Cacau, Cacau do mototáxi, nasceu um negócio aqui na mão dela, já tavam suspeitando que era um começo de CA que foi pra Pirangi, mandaram para o Arioclécio não mexeram, mandaram para o Luís Antônio lá foi, chegando lá disseram “Não, num vou tocar nisso daqui não, vou encaminhar a senhora pra ir pra Liga”. Isso foi o ano passado, aí ela Lenira que é a menina que mora bem aqui, que tem um lanchinho bem aqui na frente, “Francisca, Anita tá com a mão só tu vendo, num tá mais nem caminhando, vai lá” Aí eu fiz que nem sabia do problema, cheguei lá “Dona Anita, nunca mais vi a

senhora caminhando” “Minha irmã, olhe como é que tá minha mão” Aquela coisa assim, sabe como é que tá uma verruga mole aquela coisa desenvolvendo. “Dona Anita, mulher, a senhora tem fé em Deus?” “Tenho muita, minha filha” “Apois vamo fazer um teste, a senhora pega a babosa prenete bem em cima da sua mão, acabar passe o soro limpe todo excesso ou água oxigenada, depois que a senhora desconcentrar ele passe o sabonete de aroeira e deixe na sua mão” “Minha fia será que vai surtir efeito?” “Homi, use!” Aí passou, é muita coisa pra mim encaixar aí eu não gravo muita coisa, passou e as meninas disseram “Você viu tia?” “Não” “Por que ela a querendo lhe ver” encontrei com ela e ela disse “Minha irmã, você não sabe o quanto eu tenho pra lhe agradecer” (Entrevista com Dona Francisca. 08/08/2015)

Essa experiência da doença, que narra também do itinerário terapêutico de uma pessoa da comunidade, demonstra o percurso pelos hospitais públicos da região e a relação com a vizinhança e familiares para colaborar no processo de cura dessa senhora. Além disso ela explica que só a fé não é o suficiente para superar a doença, dá a deixa sobre a ação do psicológico cada um sob as doenças. Por fim, demonstrando a gratidão das pessoas com o resultado da sua atenção e prática do seu saber-fazer.

A pesquisa etnográfica abordada aqui nos permite então refletir com base nas experiências das doenças relatadas por Francisca sobre os aspectos que interagem nos processos de cura das doenças. Nos remetendo a uma realidade social complexa que funde tanto o conhecimento tradicional quanto o médico científico ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade da fé e do conhecimento sobre as *ervas da terra* para a eficácia terapêutica.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Ouvir Contar: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HELMAN, Cecil G. Cultura, saúde e doença. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente: perspectivas de biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989.

TAVARES, Fátima e BASSI, Francesca. Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde. Salvador: EDUFBA, 2012.

TURNER, Victor. Floresta de Símbolos Aspectos do Ritual Ndembu. Capítulo VI Muchona a vespa: intérprete da religião. Niterói: Editora Universidade Federal Fluminense, 2005.